

A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E O BOM ENSINO DE HISTÓRIA: *possibilidade de autonomia dos docentes e discentes*

LUCIANA SOUZA SANTOS⁷³
MÁRCIA NATÁLIA MOTTA MELLO⁷⁴

RESUMO

Este estudo pretende fazer uma análise dos principais entendimentos sobre *transposição didática* dos conteúdos de ensino de História, ou seja, a relação entre o conhecimento produzido na academia, o conhecimento de mundo dos alunos e o conhecimento desenvolvido pelo universo escolar possibilitando a autonomia dos docentes e discentes. Faz-se, também, um estudo da pedagogia da autonomia de Paulo Freire e as suas contribuições para a prática docente, principalmente no que diz respeito à formação permanente dos professores, ao respeito aos saberes dos educandos, à reflexão crítica sobre a prática docente, à compreensão de que ensinar não é transferir conhecimento. Para tanto, verificamos as principais ideias sobre o que seria um bom processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História e como seria uma aprendizagem significativa com base na leitura de textos de autores renomados da bibliografia sobre o tema, tais como: Paulo Freire, Leandro Karnal, Circe Bittencourt, Maria Auxiliadora Schimdt, Marlene Cainelli, Katia Abud, Carla e Jaime Pinsk.

PALAVRAS-CHAVE

Transposição didática, pedagogia da autonomia, processo ensino-aprendizagem.

73. Mestra em Educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove), pós-graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Atualmente, é técnica da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo no Centro de Planejamento e Gestão do Quadro do Magistério (CEPQM) e cursa especialização em Planejamento, Implantação e Gestão de Vursos em Educação a Distância (EaD) na Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: lucianasouza_16@hotmail.com.br.

74. Mestre em Educação, graduada em Pedagogia e especialista em Gestão Educacional. É diretora de escola na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e, atualmente, está designada como técnica no Centro de Planejamento e Gestão do Quadro do Magistério (CEPQM). Atua como professora temporária, ministrando aulas presenciais em cursos de pós-graduação a distância. Cursa especialização em Design Instrucional. Contato: mmmm12@terra.com.br.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the main understandings about *didactic transposition* of the contents in history teaching, in other words, the relationship among the knowledge produced in the academy, the student's knowledge about the world and the knowledge developed by scholar universe, enabling the autonomy of teachers and students. This study also discusses the concept of pedagogic autonomy by Paulo Freire and his contributions to teacher's practice, particularly the ongoing teacher's training; the respect of student's knowledge; the critical reflections about teacher's practice, understanding that teaching is not transferring knowledge. So we checked the main ideas about what would be a good teaching-learning process in History discipline and what would be a significant learning to renowned authors of this area, such as Paulo Freire, Leandro Karnal, Circe Bittencourt, Maria Auxiliadora Schimdt, Marlene Cainelli, Katia Abud, Carla and Jaime Pinsk.

KEYWORDS

Didactic transposition, pedagogic autonomy, teaching-learning process.

JUSTIFICATIVA

A justificativa para este estudo advém da necessidade de se compreender quais são as principais discussões sobre a questão do trabalho didático em sala de aula, na busca de abranger os processos de transformação de conhecimento científico em conhecimento escolar. Levando em consideração que a cultura escolar é uma cultura em desenvolvimento, tem a sua própria forma e constituição, devemos pensar o movimento de transformação dos novos conhecimentos científicos em conhecimento escolar de modo que não se volte ao senso comum, pois, segundo Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”.

Neste trabalho, compreendemos a *transposição didática* como:

[...] um processo de transformação científica, didática até sua tradução no campo escolar. Ela permite pensar a transformação de um saber científico e social que afeta os objetos de conhecimento em um saber a ensinar, tal qual aparece nos programas, manuais, na palavra do professor, considerados não somente científicos. [...] Isso significa, então, um verdadeiro processo de criação e não somente de simplificação, redução (SCHIMIDT, 2009, p. 35).

A *transposição didática* permite a apropriação efetiva do conhecimento produzido historicamente pela humanidade, cabendo ao professor a escolha consciente de um método de ensino para esses conhecimentos, criando, portanto, um saber escolar e possibilitando ao discente uma leitura consciente e crítica do mundo.

De acordo com Paulo Freire:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 1996, p. 12).

Esse pensamento nos permite analisar que o professor aprende e também ensina que a sua formação continuada é essencial para garantir a escolha consciente de métodos de ensino e que ao ensinar ele também aprende.

OBJETIVO

O principal objetivo deste estudo é refletir sobre a importância da *transposição didática* e da metodologia utilizada para ensino de conteúdos e conceitos na aprendizagem dos discentes. Como também o papel do docente nesse processo.

PROCEDIMENTOS

Para realização deste estudo realizamos uma revisão bibliográfica recorrendo a autores renomados e que em sua trajetória intelectual se dedicaram a essa temática.

RESULTADOS DO ESTUDO

Segundo Bittencourt (2005), para determinados educadores, franceses e ingleses, as disciplinas escolares provêm das ciências eruditas de referência, são dependentes da produção das universidades e servem como instrumento de “vulgarização” do conhecimento produzido por um grupo de cientistas, portanto, ações que passam por uma *transposição didática*.

Para o pesquisador francês Yves Chevallard (apud BITTENCOURT, 2005, p. 36), a escola é parte de um sistema no qual o conhecimento por ela reproduzido se organiza pela mediação da *noosfera*⁷⁵, portanto, a disciplina escolar é totalmente dependente do conhecimento erudito ou científico, o que a coloca hierarquicamente como saber “inferior”, um saber de segunda classe. Essa mediação entre saber erudito e saber escolar foi designada por Chevallard como *transposição didática*. Todavia, essa concepção entende que os conteúdos escolares são oriundos da produção científica, e os métodos decorrem apenas de técnicas pedagógicas que são transformados em didática. Diante dessa concepção, a escola passa a ser apenas um receptáculo do conhecimento produzido na universidade; e o professor, o agente responsável pela mediação e adaptação desse conhecimento para o meio escolar. Sendo a sua capacidade medida por sua eficiência em efetuar a *transposição didática*.

O pensador inglês Ivor Goodson e o estudioso francês André Chervel (apud BITTENCOURT, 2005 p. 37) entendem que a disciplina escolar não se constitui pela simples *transposição didática* do saber erudito, mas, antes, por intermédio de uma teia de outros conhecimentos. Para Chervel, a disciplina escolar é uma entidade autônoma, existem relações de poder próprias da escola, e o conhecimento produzido na escola faz parte de uma cultura escolar, sendo a escola um lugar de produção de um saber próprio. Bittencourt alerta que não podemos entender o conhecimento histórico escolar como algo menor, como uma simples *transposição didática* de um conhecimento que fora produzido na universidade por intelectuais e que o professor tem por ofício a transformação num conhecimento histórico escolar por meio de métodos didáticos. O conhecimento histórico escolar é muito mais que um reducionismo do conhecimento histórico acadêmico, ele se constitui de múltiplos conhecimentos, o saber erudito, os valores contemporâneos que são absorvidos por alunos e professores

75. Que corresponde ao conjunto de agentes sociais externos à sala de aula – inspetores, autores de livros didáticos, técnicos educacionais, famílias. Esses agentes garantem à escola o fluxo e as adaptações dos saberes provenientes das ciências produzidas pela academia.

em diferentes ambientes, as práticas e problemas sociais específicos de um determinado momento ou de um lugar específico.

O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber aprendido, e essa ação é fundamental no processo de produção do conhecimento. Conteúdos, métodos e avaliações constroem-se nesse cotidiano e nas relações entre professores e alunos. Cabe ao professor, portanto, o domínio desses conceitos que organizam os fatos. A mediação que o professor faz em sala de aula é o que garante o aprendizado verdadeiro. Quando os alunos se apropriam do conhecimento, conseguem subjetivar e, a partir desse momento, novos conhecimentos serão gerados.

Para Freire (1996), a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática, tendo em vista que a ausência dessa reflexão permite o esvaziamento da teoria. Por isso, alguns saberes são fundamentais à prática educativo-crítica e deveriam ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Portanto, podemos concluir que ensinar não é apenas transferir conhecimentos ou conteúdos, e tão pouco formar é ação na qual o indivíduo a ser formado não participa do processo, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos e à autonomia do ser do educando. Compreender a importância da *transposição didática* dos conteúdos e dos procedimentos historiográficos para um bom ensino da História e autonomia dos docentes e discentes nos faz perceber o quanto precisamos estar atentos e atualizados em relação às pesquisas sobre a didática da História e, também, é necessário pensar sobre quanto a formação continuada dos professores contribui para a melhoria na qualidade da educação em direção da autonomia.

Diante de todas essas constatações, observamos que o ensino ocorre quando o professor possui o domínio dos conceitos, da metodologia, dos procedimentos – realizando, portanto, a reflexão crítica sobre a sua prática – e encontra um ambiente favorável na escola para que isso ocorra, já que nos deparamos todos os dias com diversos entraves na execução do nosso ofício.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. "Currículo de história e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária". In: BITTENCOURT; Circe Maria (org.). *O saber histórico em sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria. "O saber histórico em sala de aula: capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História". In: _____. (org.). *O saber histórico em sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

CABRINI, Conceição. *O ensino de História: revisão urgente*. 3ª ed. São Paulo: Educ, 2005.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1996.

KARNAL, Leandro. *História na sala de aula: conceitos, práticas e proposta*. São Paulo: Contexto, 2010.

PINSK, Jaime. *O ensino de História e a criação do fato*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____; PINSK, Carla. "O que e como ensinar. Por uma História prazerosa e consequente. "História na sala de aula conceitos, práticas e propostas". In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. "A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula". In: BITTENCOURT; Circe Maria (org.). *O saber histórico em sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2007.